

# Transcultural Mobilities and Memories

EDITORS / ORGANIZADORES:

MÁRIO MATOS / JOANNE PAISANA

## Mobilidades e Memórias Transculturais

Separata

### **Introdução**

Mário Matos & Joanne Paisana

hhuus



**Universidade do Minho**  
Centro de Estudos Humanísticos

# Introdução

A investigação mais ou menos sistemática sobre a memória cultural tem uma história que remonta ao início do século XX e se destaca desde então pela sua inerente transdisciplinariedade. Trata-se de uma vasta área de pesquisa englobando variadas abordagens epistemológicas e múltiplos conceitos, tais como os de “memória coletiva” do sociólogo Maurice Halbwachs, de “lugares de memória” (*lieux de mémoire*) cunhado pelo historiador Pierre Nora, o de “espaços de recordação” (*Erinnerungsräume*) da anglicista Aleida Assmann ou a diferenciação entre “memória cultural” e “memória comunicativa” estabelecida pelo egiptólogo Jan Assmann. Não obstante a sua diversidade, todos estes conceitos assentam na ideia de que a memória cultural se encontra de forma sedimentar dentro de limites mais ou menos claros de “quadros sociais” (Halbwachs), de uma determinada nação ou território ou dentro de uma certa civilização. Ainda que nessas concepções de cultura como uma espécie de recipiente ou contentor se aceite que a memória cultural seja algo que se vá construindo através dos tempos e por diversos meios até se cristalizar, certo é que não se reconhece devidamente a sua intrínseca *processualidade*. A noção de que a cultura e, por conseguinte, a memória cultural (ou coletiva) não são de forma alguma entidades estanques estando, pelo contrário, sujeitas a complexas dinâmicas e múltiplas contingências só iria surgir no que hoje se designa de uma terceira fase dos estudos de memória, nomeadamente com a introdução do elemento da *mobilidade* na equação.

O chamado “mobility turn” na década de 1990 implicaria uma mudança de paradigma nas ciências sociais e humanísticas ao conceber o mundo não como algo de fixo, eventualmente com algumas zonas de contacto entre certas regiões e/ou culturas, mas como algo amplamente fluido e em constante movimento. A importância de estudar “mundos móveis” nas suas mais diversas dimensões e facetas, particularmente os seus aspetos relacionados com a formação, mediação e circulação da memória cultural, foram sendo identificados e abraçados por investigadores de várias áreas académicas, como nos casos do antropólogo James Clifford (*Routes. Travel and Translation in the late Twentieth Century*, 1997), do sociólogo John Urry (*Mobilities*, 2007) ou do teórico e crítico literário Stephen Greenblatt (*Cultural Mobility: A Manifesto*, 2009). Reconhecendo que as pessoas, os objetos e as ideias se encontram desde sempre em movimento, as abordagens preconizadas pelo “mobility turn” marcaram uma mudança significativa na forma como as diversas dimensões da mobilidade foram sendo vistas até então. Com a fase mais recente da globalização, a mobilidade das pessoas, objetos e ideias acontece numa escala massiva alcançando uma dimensão gigantesca transversal a todas as regiões, povos e culturas: viagens individuais e/ou coletivas em trabalho; atividades turísticas para lazer; migrações forçadas ou voluntárias por razões económicas, políticas ou sociais. Todos estes modos e formas de mobilidade são cada vez mais (co)determinadas e impactadas pelos média e pelas tecnologias móveis.

Devido a esta omnipresente hiper mobilidade (física e telemática), a concretização da memória cultural também requer novas abordagens teóricas e metodológicas a um objeto de estudo que é progressivamente percecionada como estando em movimento perpétuo. Mais recentemente, esta pesquisa e consequente consciência da dinâmica múltipla inerente a uma “memória (...) que não fica parada, mas circula, migra, viaja” (Bond, Craps, Vermeulen, 2017), foram fundamentadas em termos como “memória global” ou “cosmopolitização da memória” (Beck, Levy, Sznaider, 2009), “memória multidirecional” (Rothberg, 2009), “memória transcultural” (Crownshaw, 2011), “memória itinerante” (Erll, 2011) ou “memória transnacional” (de Cesari e Rigney, 2014). Estes conceitos mais recentes relacionados com a memória aludem de uma forma mais ou menos explícita ao que tem sido chamado de “transcultural turn” (Bond e Rapson, 2014), uma viragem que compreende a mobilidade e a memória como dois eixos principais do estudo dos processos culturais em geral.

Ao concentrarmo-nos na dimensão transcultural da mobilidade dentro dos estudos de memória, reconhecemos que o movimento no tempo e no espaço bem como a multiplicidade de mundividências e sua representação em diversas

artes e *media* moldam a memória cultural, ao mesmo tempo que são moldados pela mesma.

Como o/a leitor/a terá oportunidade de verificar, todos os contributos patentes neste volume tratam precisamente desta inextrincável relação entre os conceitos fulcrais de *mobilidade* e *memória*, sem os quais é hoje impossível pensar a(s) cultura(s).

No primeiro contributo deste volume, Astrid Erll começa por traçar um breve panorama do campo dos estudos da memória e sua viragem transcultural, discutindo primeiro os diferentes significados do conceito de ‘cultura’ e suas consequências para o estudo da mesma. De seguida, apresenta três novas tendências na multifacetada área dos estudos de memória transcultural, a saber: as atuais abordagens para repensar o conceito de arquivo no contexto da multiplicidade dos (novos) média; a focalização no ativismo de memória na nossa era de “guerras de monumentos” e a apresentação do conceito do ‘sujeito implicado’ (conforme Michael Rothberg) tendo em vista as suas potencialidades para a descolonização da memória cultural. Na parte final, Erll defende a necessidade de uma viragem tanto dos estudos transculturais como dos estudos da memória para a categoria mais expansiva de ‘relacionalidade’, abordagem que considera indispensável para a investigação numa era de mudanças climáticas e de diversos outros desafios que colocam o “mundo mais que humano” no foco das atenções.

O contributo de Luísa Afonso Soares debruça-se sobre a memória do exílio patente na narrativa de contornos autobiográficos *Transit* (1944) da escritora alemã Anna Seghers e sua revisitação cinematográfica por Christian Petzold. O filme de 2018, com o título homónimo do referido livro que retrata a fuga ao nazismo de uma judia que passa pela cidade portuária de Marselha de onde consegue fazer a travessia para o México, parte da narrativa de Seghers e suas memórias dando-lhes uma universalidade que vai além da Segunda Guerra Mundial. O cineasta alemão retorna a Marselha, eventualmente assumindo que as memórias estão ligadas a lugares e os próprios lugares são assombrados por memórias. Não obstante, Petzold corrói os signos políticos do passado, deshistoricizando a narrativa de Seghers e trazendo à tona a atmosfera e as emoções desencadeadas pelo doloroso deslocamento. Estas, entre outras estratégias, poderão fornecer pontos de identificação a um público transcultural e transnacional, que assim será capaz de preencher as lacunas deixadas pela narrativa fílmica e sentir empatia com esse estado de transitoriedade exibido em *Transit*. Em suma, são rastreadas as estratégias de Petzold que lhe permitem ressignificar e atualizar as memórias inscritas no romance, cruzá-las com o presente e enfatizar as emoções atemporais que permeiam essas memórias.

Também o contributo de Fernando Clara está relacionado com as memórias em torno da Segunda Guerra Mundial, nomeadamente com a autorrepresentação de Portugal como país “não beligerante”. Em maio de 1945, embora oficialmente neutro durante a guerra, o regime de Salazar dificilmente poderia esconder suas afinidades com várias outras ditaduras europeias da época, a italiana, a espanhola e também a alemã. A nova ordem mundial do pós-guerra – democrática e antiautoritária – colocava, assim, enormes desafios ao país, tanto a nível internacional como interno. São aqui tratadas as reações oficiais portuguesas à vitória aliada na Europa e procura-se recordar o ambiente que se instalou em Lisboa nas primeiras semanas após o final da guerra, dando-se especial atenção aos discursos públicos proferidos por Salazar nesse período. A análise tem como pano de fundo as notícias sobre Portugal veiculadas na imprensa aliada da época e incide sobre a forma como foi (re)construída a memória da “neutralidade portuguesa” no imediato pós-guerra.

O contributo seguinte, da autoria de Andrei Linchenko, aplica o conceito de adaptação mnemônica ao estudo da memória transcultural para lançar uma nova luz sobre o campo de pesquisa da memória das comunidades migratórias. Parte-se do pressuposto de que a adaptação mnemônica representa uma mudança na configuração simbólica da memória autobiográfica ou memória coletiva das comunidades e grupos migratórios na sociedade de acolhimento, que faz da memória uma fonte de criação de um novo sentido e não uma barreira de integração. Com base nessas ideias sobre a dinâmica da memória cultural, o autor desenvolve quatro estratégias de adaptação mnemônica, refletindo os parâmetros de direcionalidade, densidade e intensidade dos fluxos. No contexto do caso russo, é demonstrado que o terceiro modelo (“gradiente fraco - alta densidade”) da adaptação mnemônica é o mais adequado para a situação atual na Rússia moderna. Linchenko considera que tanto os russos quanto os migrantes estão atualmente a esforçar-se para reproduzir comunidades “paralelas” de memória, onde um lado mantém uma neutralidade forçada em relação ao outro, e o outro não é capaz de indicar o seu lugar importante na prática de construção de uma nova identidade russa, o que é parcialmente explicado pelo baixo nível de consciencialização dos migrantes acerca dos seus próprios interesses na Rússia.

Sofia Cavalcanti debruça-se igualmente sobre as práticas memorialísticas em comunidades de migrantes, mais especificamente as de mulheres, considerando que, apesar da crescente feminização da migração, a interseção de género e diáspora tem sido uma manifestação literária menos explorada e que,

além disso, a bagagem física que os/as migrantes carregam para a nova terra, incluindo coisas imbuídas de memória, dificilmente têm sido consideradas uma pista para entender os processos de negociação identitária dos sujeitos na diáspora. Daí, acha necessário levar-se a cabo uma investigação mais profunda das coisas materiais por meio das quais as memórias funcionam dentro de casas, paisagens e interiores, com o objetivo de lançar uma nova luz sobre como homens e mulheres em situação de diáspora negociam o passado, vivem o presente e vislumbram o futuro. Ao concentrar-se em dois contos da coleção vencedora do Prêmio Pulitzer *The Interpreter of Maladies* (1999), de Jhumpa Lahiri, Cavalcanti examina as coisas como âncoras emocionais e estabelece se elas impedem ou facilitam a sensação de pertença no contexto da diáspora. Primeiro, mostra-se como no conto “Mrs. Sen’s”, o museu particular de memórias recriado pela protagonista no seu apartamento americano, apenas contribui para aumentar o seu sentimento de alienação e perda, assim transformando o seu antigo lar numa quimera. Pelo contrário, a segunda narrativa analisada, “The Third and Final Continent”, oferece um exemplo de negociação bem-sucedida de lembrança e esquecimento. Argumenta-se que a reprodução da Índia pelo narrador masculino através de coisas e artefactos não é paralisante, pois possibilita um diálogo entre o aqui e o acolá, o presente e o passado. Conclui-se que as memórias da diáspora – individuais e coletivas – agem de maneira diferente para/em homens e mulheres. Se a narração do passado evocada pelas coisas pode ser muito positiva devido à sua capacidade de ativar processos de autoanálise, autodescoberta e realocização, o seu impacto na percepção do presente pode ser problemático, uma vez que a bagagem carregada de memórias pode impedir o movimento, aumentar a nostalgia e interromper o fluxo natural de identidades hifenizadas.

No seu contributo, Inês Tadeu ocupa-se das viagens transatlânticas encetadas por várias jovens para a Nova Inglaterra do século XVII. Em *Salem: A Tale of the Seventeenth Century* (1874), de D. R. Castleton, a pequena Alice Campbell viaja com sua avó, a senhora Elsie Campbell, da Escócia para Salem Village para evitar a indignidade de uma vida nascida fora do casamento. Em *South Meadows* (1874), de Ella Taylor Disowsay, Allison e Ida Beresford, duas irmãs órfãs, cruzam o Atlântico para serem acolhidas por seu tio Ebenezer Fairfax, o único parente sobrevivente por parte de mãe, que mora em Salem Village. Em *Martha Corey: A Tale of the Salem Witchcraft* (1890), de Constance Goddard Du Bois, Lady Beatrice Desmond, com o coração partido, empreende uma viagem para a Nova Inglaterra e acaba em Salem, onde começa uma nova vida sob uma identidade falsa. Em *Dorothy, the Puritan: The Story of a Strange Delusion* (1893),

de Augusta Campbell Watson, a bebê órfã Dorothy Gray, sua tia Martha Holden e seu tio David Holden escapam da perseguição e encontram asilo em Salem, onde cresce mantendo sempre um desejo inquietante de voltar para a Inglaterra. A análise destes quatro contos revela que, (re)criadas como novas bruxas-heróicas românticas, Alice Campbell, Allison Beresford, Beatrice Desmond e Dorothy Gray deixaram a sua terra natal britânica estando entre si ligadas pelo mesmo destino (re)memorializado e o mesmo episódio histórico – os julgamentos de bruxaria de Salem de 1692. Além disso, as suas viagens e problemas de amor ilustram a impossibilidade de escapar, na história e cultura do século XVII da Nova Inglaterra, ao alcance da memória (trans)cultural da ‘velha’ demoníaca mulher-como-bruxa da *Velha* Inglaterra. Estas narrativas representam, em suma, a recriação de uma contra-memória cultural da caça às bruxas de Salem como um conto de advertência catártico.

Por sua vez, também Luiz Adriano Daminello nos convida a embarcar numa viagem histórica para mostrar como a memória cultural materializada sob a forma de rituais festivos se move ao longo dos tempos e atravessa vastos espaços, neste caso concreto, de Marrocos para o Brasil. Começa-se por explicar que a história da Vila de Mazagão Velho no Brasil remonta a uma longa viagem iniciada em 1769, quando aí chegaram as primeiras famílias portuguesas que até então tinham vivido em terras marroquinas sob a proteção da coroa de Portugal. Neste contributo pretende-se demonstrar que não é apenas a história do deslocamento de algumas centenas de pessoas que se trata, mas sobretudo das respetivas memórias que carregaram nas suas bagagens. Mazagão era o nome da última possessão portuguesa na costa oeste de Marrocos, frequentemente atacada pelos mouros. Os seus habitantes, que viveram várias batalhas reais com os mouros, depois de assentados no Brasil, resolveram encenar as suas memórias na celebração da aclamação ao trono da Rainha D. Maria I, no modelo de várias outras representações que hoje se realizam na Península Ibérica. Desde então, persistem as festividades em honra de São Tiago, o santo apóstolo que, segundo a lenda, terá aparecido montado num cavalo branco para ajudar os cristãos nas batalhas onde a derrota parecia inevitável. Atualmente, Mazagão Velho é um povoado do estado do Amapá, no Brasil, onde a maioria da população já não é descendente de portugueses. Portadores de uma enorme riqueza cultural expressa em festas, ritmos musicais e artesanato, porém ainda carregam essa memória coletiva de uma vida vivida em Marrocos dos séculos XVI a XVII. Daminello apresenta e discute alguns detalhes de como essas memórias culturais são ainda hoje percecionadas como originárias e definidoras de identidades regionais, depois de terem percorrido diferentes momentos

históricos, atravessado continentes e mudado de protagonistas ao longo dos mais de 250 anos de existência.

Lennon Noletto dedica-se no seu contributo às imagens transculturais de uma figura religiosa, Nossa Senhora de Guadalupe, presentes na peculiar obra *Borderlands/La frontera*, da escritora e crítica da cultura chicana Glória Anzaldúa, publicada originalmente em 1987. Partindo da “imagem” como uma categoria metodológica para a análise da cultura, começa-se por definir a imagem como processo mítico e poético da realidade, para de seguida se apontar que dimensões do texto de Anzaldúa dialogam com tal compreensão. Por fim, recorre-se ao conceito de transculturalidade (Erlil, 2017; Welsch, 2017) de modo a mediar um debate entre cultura, imagens e território.

O contributo de Paula Alexandra Guimarães resgata a figura do refugiado político europeu na Inglaterra vitoriana e analisa o seu impacto na cultura literária do período. Retraça-se aí o surgimento dessa figura durante as revoluções liberais e radicais do século XIX que percorreram vários países e examina-se o intercâmbio cultural desenvolvido entre os exilados e as organizações políticas e artísticas da Grã-Bretanha imperial. Na contextualização histórica indica-se que, em 1852, a esta tinham chegado milhares de refugiados nacionalistas, republicanos e socialistas da França, Hungria, Polónia, dos estados alemães e italianos, e de outros lugares, tendo-se reunido sobretudo em Londres. Entre estes, encontravam-se figuras famosas, como Giuseppe Mazzini, Louis Blanc e Karl Marx. Devido à ausência de políticas restritivas de imigração, quase qualquer um podia então entrar no país; e um grande número de apoiantes de todas as classes sociais celebrava o asilo como um imperativo moral nacional. Enquanto muitos radicais britânicos se envolveram ativamente nas insurreições continentais, os filantropos pressionaram o governo em nome dos estrangeiros perseguidos; o asilo tornou-se, assim, um compromisso nacional para os britânicos. O interesse do público foi ainda cultivado por meio de poemas e narrativas fictícias de perseguição, os quais detalhavam as experiências e características dos refugiados. Além disso, o realojamento de refugiados em várias regiões do país fez dessa assistência um importante contributo para a construção do próprio império. No entanto, com a ascensão do comunismo francês e do anarquismo continental (1860-1900), algo que muito influenciou a cultura radical britânica, houve debates sobre se a Grã-Bretanha deveria (ou não) proteger revolucionários continentais cada vez mais violentos. Em suma, trata-se aqui de uma reflexão e análise acerca das diversas formas como uma determinada cultura política no exílio influencia irremediavelmente certa cultura de chegada ou acolhimento.

Como o título do seu texto indica, Isabela Curvo dedica-se “ao papel das instituições museológicas na perpetuação da memória coletiva”. Este contributo inicia com algumas reflexões acerca dos museus que são reconhecidas instituições do campo do património cultural, ao mesmo tempo que são espaços privilegiados de poder na medida em que operam na construção da memória coletiva e na relação da dicotomia entre memória e esquecimento. Afirma-se que as exposições museológicas exercem papel mediador entre o público e o acervo exposto e são, portanto, elementos fundamentais da relação entre a instituição museológica e a sociedade, sendo instrumentos de comunicação essencial para a divulgação da informação e a efetividade do processo comunicacional. A autora defende que, na contemporaneidade, urge a necessidade de descolonizar os discursos apresentados, de modo a democratizá-los e esses passem a ser de facto apropriados pelo corpo social, rompendo hierarquias e desconstruindo mitos. Dessa forma, procura-se compreender a questão da memória coletiva apresentada a partir dos museus e suas respetivas narrativas expográficas.

O contributo conjunto de Helena Maria da Silva Santana e Maria do Rosário da Silva Santana debruça-se, de acordo com o título, sobre “a memória nos tempos modernos”, concentrando-se nomeadamente em práticas culturais que “comunicam espaços de saber, mitos, lendas e tradições”. Começa-se por afirmar que a recuperação material e imaterial dos elementos do território tem conduzido ao (re)aproveitamento e (des)envolvimento de todo um conjunto de novas valências culturais, sociais e artísticas, preservando as tradições. Questionando as narrativas performativas, visuais e sonoras propostas pelas ações sociais, culturais e artísticas aí inseridas, as autoras percebem no uso da Máscara o mostrar de rituais e ritos que se encontram, muitas vezes, apoiados em mitos e lendas reveladores das particularidades de um lugar e da sua identidade. De modo a não perder os traços dessa identidade, a preservação da tradição torna-se um importante fator de salvaguarda da cultura e tradição, promovendo a conservação de lendas e mitos que se expõem ainda hoje em ações tais como A Guarda-Folia, O Enterro do Galo, a Queima dos Judas, o Carochinho de Constantim, a Velha de Vila Chã, o Farandulo de Tó ou o Chocalheiro de Bemposta, bem como de diversos rituais e ritos de iniciação e fertilidade que encontramos ao longo de todo Portugal, mormente o Nordeste Transmontano. Partindo do pressuposto de que o património reflete o modo como um povo se diz num espaço vivencial cada vez mais global, plural e multicultural, as autoras efetuam uma reflexão sobre a forma como a Máscara se expressa recurso material e imaterial, mas também como espaço de narrativa multicultural, mormente quando utilizada pelos Caretos

da região de Trás-os-Montes, os Cardadores de Vale-de-Ílhavo, pelos personagens do Boi Bumbá no Brasil ou na Diablada no Perú.

Ana Cristina dos Santos Araújo aborda no seu contributo o processo de mobilidade forçada e consequente perda identitária, designadamente no contexto de uma acelerada gentrificação que ocorreu no Rio de Janeiro (Brasil) aquando da organização dos mega eventos das Olimpíadas em 2014 e do Campeonato do Mundo (de Futebol) em 2016. A título de exemplo, centra-se no processo de desterritorialização que trouxe perdas não apenas materiais, tangíveis e monetárias para a população da Vila das Torres, no bairro de Madureira no Rio de Janeiro, uma vez que essa população perdeu, ao mesmo tempo, a sua habitação, a sua territorialidade, o seu vínculo afetivo, as suas memórias e relações sociais e emocionais com o seu lugar de residência. São perdas que a autora chama de valores não monetizáveis. Considera-se que as perdas da identidade cultural e territorial causadas pelo capital especulativo imobiliário nos grandes centros urbanos dos países do hemisfério sul em busca de um referencial da dita cidade moderna provoca quotidianamente deslocamentos involuntários e compulsórios de pessoas, fenómeno esse que, no entender da autora, pode ser entendido como um deslocamento imposto por uma “guerra do desenvolvimento” e suas vítimas como “refugiados urbanos”.

O texto de Davide Gravato e Rosa Cabecinhas centra-se nas músicas e letras de Chullage, um nome incontornável do chamado Rap Tuga. Autor de várias músicas consideradas clássicas do hip-hop nacional, editou três álbuns e possui incontáveis presenças em projetos e músicas de outros artistas como Sam The Kid, Regula, Kacetado, Less du Neuf, entre outros. Neste contributo mostra-se como Chullage se tem empenhado, de forma consistente e contínua, na denúncia da discriminação racial e na falta de valorização das culturas africanas, considerando-se que os seus álbuns são manifestações claras de discursos de intervenção perante a discriminação sistémica e expressam inequivocamente uma tentativa de desconstruir narrativas do colonialismo português. Conclui-se, portanto, que o artista utiliza o hip-hop como ferramenta para (re)significar África.

Viviane Ferreira de Almeida ocupa-se no seu contributo de questões relacionadas com a narrativa de viagens sob a forma do blogue que, por um lado, é visto como um modo de continuidade da literatura e, por outro, como uma forma de arquivo de memória da viagem. Argumenta-se que, enquanto género literário sem “morada fixa” e intrinsecamente vinculado ao fenómeno da mobilidade tanto ao nível temático, como discursivo e formal, não

surpreende que a Literatura de Viagens tenha denotado recentemente uma tendência clara para migrar para o ambiente digital. Neste contexto, os blogs de viagens podem ser qualificados como novos espaços literaturizados, marcados por vivências, experiências e memórias que poderão ser consideradas mais recetivas aos contactos e trocas, transcendendo barreiras e contribuindo, potencialmente, para a observação dos processos culturais com as “lentes transculturais”. Coloca-se ainda a questão se os blogs de viagem, enquanto artefactos, embora associados de certa forma à volatilidade, poderão ser percebidos como arquivo de memórias. Com recurso à análise do blogue do escritor-viajante português Filipe Morato Gomes *Alma de Viajante*, que em 2021 comemorou vinte anos, responde-se a esta pergunta relacionando-se, ainda que de forma breve, os conceitos de efémero e arquivo numa dinâmica da memória cultural entre recordar e esquecer.

O contributo de Anabela Valente Simões incide, conforme o título indica, na profícua “sinergia entre turismo e cultura”. Depois de uma breve contextualização da importância do setor do turismo na economia global, que se expandiu constantemente nas últimas seis décadas até ocupar o terceiro maior setor do comércio internacional e representar um forte impulsionador do progresso socioeconómico, a autora debruça-se sobre o turismo cultural, em particular, que é um dos mercados maiores e de mais rápido crescimento. Visto que a sua interação cria distinções, considera-se que a cultura e o turismo têm uma relação mutuamente benéfica, que pode reforçar a atratividade e a competitividade de uma região e, simultaneamente, valorizar a própria cultura através da criação de receitas para apoiar o património cultural e a oferta cultural. Defende-se que, ao recuperar a história, as tradições locais e as memórias culturais, o turismo contribui não só para o reforço da identidade coletiva de uma região e para a preservação do património cultural e histórico, como também contribui para a imagem do seu destino turístico, que é fundamental no processo de desenvolvimento turístico. Depois destas explanações introdutórias, a autora analisa um exemplo concreto da referida sinergia: Aveiro. Dominada pelo seu estuário lagunar e desde há muito associada ao comércio marítimo, à pesca e à produção de sal, Aveiro tem atraído cada vez mais atenção nos últimos anos. Paralelamente a este crescimento da atividade turística, novas oportunidades de negócio têm sido exploradas: por exemplo, os moliceiros, as coloridas embarcações outrora utilizadas para a recolha de algas marinhas, fazem agora parte dos prósperos negócios proporcionados pelos passeios de barco pelos canais da cidade e as outrora extintas salinas são agora locais de

visitas guiadas e experiências únicas e autênticas. Em suma, neste contributo reflete-se precisamente sobre o modo como o turismo e a cultura têm contribuído não só para o desenvolvimento socioeconómico de Aveiro, mas também para o reforço da identidade coletiva da cidade.

Ainda que, em termos temáticos e cronológicos, com todos estas reflexões e contributos em torno das *mobilidades e memórias transculturais* se tenha já coberto um vastíssimo leque de tópicos e abordagens chegando-se inclusive à contemporaneidade, na parte final do volume propõe-se ainda ao leitor uma viagem a tempos e civilizações muitíssimo longínquos - e por isso raramente abordadas nos estudos (trans)culturais - que se estendem, numa ordem descendente, do século XIII antes de Cristo até ao século XXI a. C.

Num texto de autoria múltipla e transnacional, Chris McKinny, Marcella Barbosa, Aharon Tavger, Steven Ortiz e Itzhaq Shai expõem algumas influências cipriotas e levantinas do norte no culto da cidade cananea de Tel Burna (Israel). Os autores explicam nomeadamente que, na última década, foram encontrados em Tel Burna extensos restos da Idade do Bronze tardia (séculos XIV e XIII a. C.). Esses vestígios podem ser caracterizados como manifestações da cultura material cananea com clara influência estrangeira (principalmente cipriota), particularmente na área associada à atividade ritual. No artigo examinam-se os referidos achados cipriotas e reflete-se acerca do que nos podem revelar sobre suas influências nos habitantes da cidade cananea de Tel Burna.

O contributo seguinte, igualmente coautorado, neste caso por António de Freitas, Chris McKinny e Itzhaq Shai, é dedicado ao primeiro grupo de artefactos encontrados em Tel-Burna, entre os quais estava um selo cilíndrico do século XIII a. C. com a representação de três leões em procissão. Afirmam os autores que, após análises químicas e comparativas, determinaram que se trataria de um selo cilíndrico de Mittanian movido para o centro de culto de Tel-Burna, com uma ligação ao culto de Astaroth.

Dando um novo salto para trás no tempo, desta vez até ao século XVII a. C., o contributo de António de Freitas dedica-se à exegese da seguinte afirmação: “Eu sou o vosso rei, porque eu vos trouxe um rei que assim o diz”, tratando-se da chamada Proclamação de Anitta (CTH 1), escrita em hitita ou nessita, que é o texto escrito mais antigo numa língua indo-europeia. Explica-se que Anitta foi Rei de Kaneš, conquistador de Neša, o posterior Hatuša. Depois de conquistar Neša, ele terá trazido de volta a estátua de Šiu para Neša e invocado esse facto

para se justificar como governante de Hatuša. O autor considera que o ídolo Šiu representa um deus indo-europeu que foi devolvido ao seu lugar original e que a memória que o povo de Neša tinha daquele ídolo foi usada por Anitta para justificar a sua linhagem real e confirmá-lo como Rei de Hatuša.

No último contributo deste volume, Wang Xianhua debruça-se sobre um tema da civilização suméria do século XXI a. C., designadamente o hino real sumério Šulgi A, como é conhecido pelos sumerologistas. De acordo com o autor, este hino com o título “Que meu nome seja estabelecido por dias distantes” conta que o rei Šulgi (2094-2047 a. C.) da Terceira Dinastia de Ur (Ur III, 2112-2004 a. C.) fez uma viagem de ida e volta entre sua capital Ur e Nippur, o tradicional centro religioso sumério. No relato da viagem empreendida, é dito que num único dia Šulgi correu de Nippur a Ur e depois voltou de Ur a Nippur, trajeto que em conjunto perfaz uma corrida de mais de 320 quilómetros. De acordo com Wang Xianhua, a correta exegese desta corrida fantástica presumivelmente revelaria os segredos da hinologia suméria, cujo cerne parece ser a perpetuação da memória imperial. O autor parte desta obra-prima da hinologia suméria para revisitar a ciência suméria da fabricação de narrativas que parece ter uma forte orientação matemática desde o Período Ur III. Conclui-se que a corrida fantástica de Šulgi, apesar de especulações que recorrem à comparação com atletas reais, apenas matematicamente seria possível e provavelmente nunca passou dessa intenção. Além disso, afirma o autor que a imaginação geográfica evidente no hino tem em si mesma um significado para a imagem da realeza que fazia parte do conteúdo do texto.

Iniciado com um contributo de índole teórica e metodológica que faz uma espécie do estado da arte dos estudos de memória transculturais e deixa o desafio para investigações futuras mais extensivas num mundo que terá de ser visto como “mais que humano”, a que se seguiram vários textos sobre a memória cultural e suas multifacetadas relações com a mobilidade, quer sob a forma do exílio de várias ordens, quer enquanto viagens voluntárias, no passado e no presente, assim como em diferentes mídias (literatura, cinema, música, blogues de viagem), até à relação do turismo com a cultura nas suas mais diversas dimensões, o presente volume encerra com uma série de quatro intervenções que se ocupam de tempos e memórias muitíssimo remotos e que, por isso, nos transportam para espaços temporais que certamente desafiam a nossa escala de percepção e orientação memorialística. Esperamos que esta grande diversidade de temas e tópicos aqui abordados, sem nunca se ter perdido de vista o quadro proposto para uma reflexão e um debate aprofundado acerca das *Mobilidades e Memórias Transculturais*,

possa contribuir para alargar a profícua área de investigação intrinsecamente inter e transdisciplinar em torno dos estudos de cultura e de memória.

Desde a sua fundação, o Núcleo de Estudos Transculturais (NETCult), grupo de investigação sediado no Centro de Estudos Humanísticos na Universidade do Minho (CEHUM), tem precisamente prestado uma especial atenção às multifacetadas relações entre os fenómenos transculturais da mobilidade e da memória. Este interesse refletiu-se em concreto na organização de uma série de três conferências internacionais. A primeira teve lugar em 2010 e resultou numa publicação trilingue: *Mnemo-Grafias Interculturais / Intercultural Mnemo-Graphies / Interkulturelle Mnemo-Graphien* (eds. Matos & Grossegeesse 2012); outra em 2015, que deu origem ao volume bilingue: *Amnésia Transcultural. Para uma Cartografia de Memórias Deslocalizadas / Transcultural Amnesia. Mapping Displaced Memories* (eds. Matos, Paisana, Esteves Pereira 2016). Foi com o intuito de dar continuidade a esses encontros de reflexão e assim se proporcionar um fórum de debate para o crescente interesse, nacional e internacional, quer nos estudos de memória quer nos da mobilidade entre culturas, que se planeou para 2020 um terceiro congresso, o qual, porém, devido à pandemia da Covid, só teve lugar em abril de 2021 e, ainda assim, em formato de videoconferência. Aí foram apresentadas mais de 40 comunicações e quatro palestras plenárias por oradores oriundos de vários países e continentes, incluindo, para além de Portugal e do Brasil, participações da Alemanha, Espanha, Itália, Polónia e Suíça, uma de Israel, uma da Rússia, outra da África do Sul e uma da China. Ainda que no presente volume não possamos contar com todos os contributos apresentados na conferência, pelo menos foi possível reunir um conjunto de dezanove textos, ora em inglês ora em português, que versam sobre tópicos muito diversos, mas todos eles dentro do contexto e do tema relacional propostos: “Mobilidades e Memórias Transculturais”.

Resta agradecer a todas as pessoas que generosamente contribuíram para o presente volume com os seus textos, assim como às que apresentaram as suas comunicações orais e que assim proporcionaram um debate muito interessante durante o congresso, com destaque para as quatro oradoras plenárias: Astrid Erll e Luísa Afonso Soares, que inclusivamente nos presentearam com os seus contributos escritos para este volume, mas também Emily Keightley e Irene Flunser Pimentel. Queremos deixar aqui também o nosso muito obrigado aos/às vários/as colegas do grupo de investigação NETCult que, de uma ou outra forma, nos apoiaram ativamente na organização científica e logística do congresso, e cujo nome não esteja já patente no índice deste livro, a saber, por ordem alfabética:

Georgina Abreu, Manuel Gama, Margarida Esteves Pereira, Maria Dolores Lerma Sanchis, Marie-Manuelle Silva, Jaime Costa, Jorge Pereira, Luís Pimenta Lopes, Nadejda Machado e Orlando Grossegeesse.

A conferência e a publicação deste volume foram possíveis graças ao apoio do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM) e ao respetivo financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

Braga, setembro de 2023

Os organizadores

Mário Matos & Joanne Paisana

# Introduction

The history of research of a relatively systematic nature into cultural memory may be traced back to the beginning of the twentieth century, its transdisciplinary aspect being most striking from that time. This is a vast research area encompassing various epistemological approaches and multiple concepts such as the “collective memory” of the sociologist Maurice Halbwachs, “places of memory” (*lieux de mémoire*) coined by the historian Pierre Nora, the “spaces of remembrance” (*Erinnerungsräume*) of the Anglicist Aleida Assmann or the differentiation between “cultural memory” and “communicative memory” put forward by the Egyptologist Jan Assmann. Notwithstanding the diversity, all the aforementioned concepts are premised on the idea that cultural memory may be found within the relatively clear limits of the “social frameworks” (Halbwachs) of a certain nation or territory, or within a certain civilization. Even if we accept, given these concepts of culture as a kind of recipient or container, that cultural memory is something that is formed throughout time and by diverse means until its establishment, it is nevertheless true that the *process* is not wholly recognized. The notion that culture and cultural (or collective) memory is in no way a sealed entity but is, on the contrary, subject to complex dynamics and multiple contingencies would only appear in what is known today as a third phase of memory studies, namely with the introduction of *mobility* into the equation.

The so-called “mobility turn” of the 1990s implies a change of paradigm in the social sciences and humanities as the world is seen not as a fixed entity, although with some contact zones between certain regions and/or cultures, but as being characterized by great fluidity and constant movement. The importance of studying “mobile worlds” in their diverse dimensions and facets, particularly those related to the formation, mediation and circulation of cultural memory, was identified and embraced by researchers from many academic fields, such as the anthropologist James Clifford (*Routes. Travel and Translation in the late Twentieth Century*, 1997), of the sociologist John Urry (*Mobilities*, 2007) or the theorist and literary critic Stephen Greenblatt (*Cultural Mobility; A Manifesto*, 2009). Recognizing that people, objects and ideas are always on the move, the “mobility turn” approach marked a significant change in the way the diverse dimensions of mobility were seen up to that point. With the most recent phase of globalization, the mobility of peoples, objects and ideas occurs on a massive scale reaching a gigantic dimension that is transversal of all regions, peoples and cultures: individual and/or collective work journeys; tourist leisure activities; forced or voluntary migrations for economic, political or social reasons; all of these modes and forms of mobility are ever more (co)determined and impacted by the media and by mobile technologies.

The conceptualization of cultural memory, which is increasingly seen as being in perpetual motion, requires new theoretical and methodological approaches due to its ever-present hypermobility (physical and telematic). More recently, this research and consequent acknowledgement of the multiple dynamics inherent in a “memory (...) that does not stay still, but circulates, migrates, travels” (Bond, Craps, Vermeulen, 2007), has been described in terms of “global memory” or “cosmopolitization of memory” (Beck, Levy, Sznajder, 2009), “multidirectional memory” (Rothberg, 2009), “transcultural memory” (Crownshaw, 2011), “travelling memory” (Erlil, 2011) or “transnational memory (Cesari and Rigney, 2014). These more recent concepts related to memory allude in a relatively specific manner to what has been called the “transcultural turn” (Bond and Rapson, 2014), a turn that takes mobility and memory as two main pillars of the study of cultural processes in general.

By concentrating on the transcultural dimension of mobility within memory studies, we recognize that movement in time and space as well as the multiplicity of worldviews and their representation in diverse arts and media shape cultural memory, while at the same time being shaped by the same.

As the reader will see, all the contributions to this book deal precisely with this inextricable relationship between the key concepts of *mobility* and *memory*, without which it is impossible to think about culture(s) today.

In the first chapter, Astrid Erll begins by giving a brief introduction to the field of memory studies and its transcultural turn, initially discussing the different meanings of the concept of 'culture' and the consequences for its study. Afterwards, she presents three new developments in transcultural memory studies: first, current approaches to rethinking the archive and its (new) media; second, memory activism in our age of 'monument wars'; third, the 'implicated subject' (*sensu* Michael Rothberg) and its potentials for the decolonization of cultural memory. Finally, Erll advocates the necessary turn both of transcultural studies and of memory studies to the more expansive category of 'relationality' – an approach she believes to be indispensable in an age of climate change and diverse other challenges which have brought the more-than-human world into the focus of research.

The contribution of Luísa Afonso Soares concerns the memory of the exile as described in the autobiographical narrative *Transit* (1944) by the German writer Anna Seghers, as well as its revisitation by the filmmaker Christian Petzold. The 2018 film, with the homonymous title of the aforementioned book that traces the flight from Nazism of a Jewish woman who passes through the port city of Marseilles, from where she manages to cross to Mexico, is based on the memories imparted by Seghers' narrative while giving it a universality beyond World War II. Notwithstanding, Petzold erodes the political signs of the past, dehistoricizing Seghers' narrative, and bringing to light the atmosphere and emotions triggered by the painful displacement. These, among other strategies, may provide points of identification to a transcultural and transnational audience who will be able to fill in the gaps left by the filmic narrative, and to feel empathy with that state of transiency screened in *Transit*. In summary, Soares tracks Petzold's strategies which allow him to reframe and update the memories inscribed in the novel, to cross them with the present and to emphasize the timeless emotions that permeate those memories.

The chapter by Fernando Clara also relates to memories concerning World War II, namely the auto-representation of Portugal as a "non-belligerent" country. In May 1945, though neutral during the war, Salazar's regime could hardly conceal its affinities with several other European dictatorships of the period, the Italian, the Spanish and also the German. The new post-war world order – democratic and anti-authoritarian – posed, therefore, enormous challenges to the country, both internationally and domestically. The chapter deals with the official Portuguese reactions to the Allied victory in Europe and tries to recall the atmosphere that took over Lisbon in the first weeks of May 1945. It pays special attention to the public speeches given by Salazar in that period. The analysis is carried out against the background of the news about Portugal that were made public in

the Allied press of the time, and will focus on how the memory of “Portuguese neutrality” was (re)built in May 1945.

The following contribution, by Andrei Linchenko, applies the concept of mnemonic adaptation to the study of transcultural memory to shed a new light upon a research field of the memory of migratory communities. It starts from the premise that mnemonic adaptation represents a change in the symbolic configuration of the autobiographical memory or collective memory of migratory communities and groups in the host society, which turns memory into a source for the creation of a new meaning, and not into a barrier for integration. Based on the ideas of the “streaming” model of cultural memory dynamics, the author developed four strategies for mnemonic adaptation, reflecting the parameters of directionality, density and intensity of flows. Within the framework of the Russian case, it was shown that the third model “Weak gradient - High density” of the mnemonic adaptation is the most suitable for the current situation in modern Russia. Lichenko considers that both Russians and migrants are currently striving to reproduce “parallel” communities of memory, where one side maintains a forced neutrality in relation to the other, and the other cannot indicate its important place in the practice of constructing a new Russian identity, which is partly explained by the low level of awareness by migrants of their own interests in Russia.

Sofia Cavalcanti also examines the memory practices in migrant communities, especially those of women, and considers that despite the increasing feminization of migration the intersection of gender and diaspora has been a less explored literary manifestation until recently. Moreover, the physical luggage migrants carry over to the new land, including things imbued with memory, has hardly been considered as a clue to understand the subject’s processes of identity negotiation in the diaspora. Hence, a deeper investigation of the material things through which memories work within houses, landscapes, and inner-scapes is considered necessary in order to shed new light on how diasporic men and women negotiate the past, live the present, and envisage the future. By focusing on two short stories from Jhumpa Lahiri’s Pulitzer-Prize-winning collection *The Interpreter of Maladies* (1999), Cavalcanti examines things such as emotional anchors and establish whether they impede or facilitate belonging within the diasporic context. First, she shows how in “Mrs. Sen’s” the private museum of memories recreated by the woman protagonist in her American apartment only serves to increase her sense of alienation and loss and transform her past home into a chimera. On the other hand, she argues that “The Third and Final Continent” offers an example of successful negotiation of remembrance and forgetting. The male narrator’s reproduction

of India through things and artifacts is not paralyzing as they enable a dialogue between here and there, present and past. She concludes that diasporic memories—both individual and collective—act differently for men and women. If the narration of the past evoked by things can be very positive for their capacity to activate processes of self-analysis, self-discovery, and relocation, their impact on the perception of the present can be problematic. In other words, luggage heavy with memories might impede movement, increase nostalgia, and hinder the natural flux of hyphenated identities.

In her chapter, Inês Tadeu concentrates on the transatlantic voyages of several young women to seventeenth-century New England. In *Salem: A Tale of the Seventeenth Century* (1874) by D. R. Castleton, little Alice Campbell travels with her grandmother, Mistress Elsie Campbell, from Scotland to Salem Village to avoid the indignity of a born out of wedlock life. In Ella Taylor Disosway's *South Meadows* (1874), Allison and Ida Beresford, two orphan sisters, cross the Atlantic to be taken in by their uncle Ebenezer Fairfax, the only surviving relative on their mother's side, who lives in Salem Village. In Constance Goddard Du Bois' *Martha Corey: A Tale of the Salem Witchcraft* (1890), the broken-hearted Lady Beatrice Desmond undertakes a voyage to New England and ends up in Salem, where she starts a new life under an assumed identity. In *Dorothy, the Puritan: The Story of a Strange Delusion* (1893) by Augusta Campbell Watson, baby orphan Dorothy Grey, her aunt Martha Holden and her uncle David Holden escape persecution and find asylum in Salem. There she grows up harbouring an unsettling longing to return to England. The analysis of these four tales reveals that, (re)created as new Romantic witch-heroines, Alice Campbell, Allison Beresford, Beatrice Desmond, and Dorothy Grey all left their British homeland bound to the same (re)memorialised destination and historical episode – the Salem witchcraft trials of 1692. Moreover, their journeys and love woes – redeemed outcomes – illustrate first the inescapability and range of the (trans)cultural memory of the 'old' demonic woman-as-witch from *Old England* in the seventeenth-century *New England's* history and culture. These narratives represent, in short, the recreation of the cultural counter-memory of the Salem witch hunt as a cathartic cautionary tale.

In his turn, Luiz Adriano Daminello invites us to embark on an historical journey to show how cultural memory in the form of festive rituals changes over time and crosses vast spaces, in this case from Morocco to Brazil. He begins by explaining that the history of the Village of Mazagão Velho in Brazil starts from a journey that began in 1769 with the arrival of the first Portuguese families that

until that date had been living in Moroccan territory under the protection of the Portuguese crown. Daminello demonstrates that this involves not only the dislocation of hundreds of people, but more importantly the respective memories that they carried in their baggage. Mazagão was the name of the last Portuguese possession on the west coast of Morocco, often under attack by the Moors. Its inhabitants, who had experienced several real battles with the Moors, after settling in Brazil, decided to stage their memories in the celebration of the acclaim to the throne of Queen D. Maria I, imitating several other representations that take place today in the Iberian Peninsula. Since then, the festivities have persisted in honor of St. James, the holy apostle who according to legend appeared on a white horse to help Christians in battle when defeat seemed inevitable. Currently, Mazagão Velho is a village in the State of Amapá, Brazil, where the majority of the population is no longer descended from the Portuguese. Bearers of an enormous cultural wealth expressed in parties, musical rhythms, and handicrafts, they still carry this collective memory of a life lived in Morocco between the XVI and XVII centuries. Daminello discusses how these cultural memories are perceived as original and defining regional identities, after having traveled through different historical moments, crossing continents and changing protagonists during the more than 250 years of existence.

Lennon Noleto dedicates his contribution to the transcultural images of a religious figure, Our Lady of Guadalupe, present in the work *Borderlands/La frontera*, written by the writer and Chicano cultural critic Glória Anzaldúa, originally published in 1987. “Image” is understood as a methodological category concerning cultural analysis, and he defines it as a mythical/poetic process of reality. Next he points to the dimensions of Anzaldúa’s text that correspond to that, finally utilizing the concept of *transculturality* (Erl, 2017; Welsch, 2017) in order to mediate a debate among culture, images and territory.

The contribution of Paula Alexandra Guimarães recalls the figure of the European political refugee in Victorian England and its impact on the literary culture of the period. It traces the emergence of this figure during the liberal and radical revolutions of the nineteenth century that swept across several countries. It examines the cultural exchange that existed between exiles and the political and artistic organizations of imperial Britain. By 1852, thousands of radical, nationalist, republican and socialist refugees from France, Hungary, Poland, the German and Italian states, and elsewhere, had arrived, meeting above all in London. In their midst were famous individuals like Giuseppe Mazzini, Louis Blanc, and Karl Marx. Due to the lack of restrictive immigration

policies almost anyone could enter the country, and many supporters from all social classes celebrated *refuge* as a national moral imperative. While many British radicals became actively involved in continental insurrections, philanthropists pressed the government on behalf of persecuted foreigners, and *refuge* became a national commitment for the British. Public interest was cultivated through poems and fictional tales of persecution, which explained the experiences and characteristics of refugees. Moreover, the resettling of refugees throughout the Empire made *refugee relief* an important aid to empire building. However, with the rise of French Communism and continental Anarchism (1860-1900), which greatly influenced British radical culture, there were debates over whether Britain ought to protect increasingly violent continental revolutionaries. To summarize, this chapter is a reflection and analysis of the diverse ways that a certain political culture in exile influences irrevocably a receiving host or culture is given.

As the title of her text indicates, Isabela Curvo dedicates herself to the “role of museological institutions in the perpetuation of collective memory”. This contribution begins with some reflections on museums, recognized institutions in the field of cultural heritage, privileged spaces of power as they operate in the construction of collective memory and in the relationship of the dichotomy between memory and forgetting. She affirms that museum exhibitions play a mediating role between the public and the exhibited collection and are, therefore, fundamental elements of the relationship between the museum institution and its public, being essential communication tools for the dissemination of information and the effectiveness of the communication process. She defends that in contemporary times there is an urgent need to decolonize the discourses presented, in order to democratize them and allow them to be appropriated by the social body, breaking hierarchies and deconstructing myths. Thus, she seeks to understand the issue of collective memory presented from museums and their respective expographic narratives.

The joint contribution of Helena da Silva Santana and Maria do Rosário da Silva Santana examines, according to the title, the “memory of modern times”, concentrating on cultural practices that “communicate spaces of knowing, myths, legends and traditions”. They begin by affirming that the recovery of territories has led to the (re)use and (re)development of new social and cultural aspects, preserving traditions. Questioning the performance, visual and sound narratives as witnessed in cultural actions, they notice in the use of the Mask and in the creation of various cultural, social and artistic resources, the evidence of rituals

and rites, which are often supported by myths and legends, revealing the particularities of a place and its identity. So as not to lose the traces of this identity the preservation of tradition becomes an important factor in the conservation of a culture and the identity traits of a region, promoting the conservation of legends and myths that are still present today in actions such as *A Guarda Folia* - The Burial of the Rooster, the *Queima dos Judas*, the *Carocho de Constantim* and the *Velha de Vila Chã*, the *Farandulo de Tô* or the *Chocalheiro de Bemposta*, or several rituals and rites of initiation and fertility that can be found throughout the northeast of Portugal. Realizing how heritage reflects the way a people see themselves, in a living space that is increasingly plural and multicultural, the authors reflect on how the Mask is a material and immaterial resource and also a space for multicultural narrative when used by *Caretos* from the Trás-os-Montes, the *Cardadores* from Vale-de-Ílhavo, by the characters of *Boi Bumbá* in Brazil or from *Diablada* in Peru.

Ana Cristina dos Santos Araújo examines the process of forced mobility and consequent loss of identity, namely in the context of an accelerated gentrification that occurred in Rio de Janeiro (Brazil) due to the organizing of the mega events of the Olympics of 2014 and the World Cup (football) in 2016. As an example, she concentrates on the deterritorialization that brought not only material losses, not only tangible losses, nor monetary losses for the population of Vila das Torres, in the Madureira neighbourhood of Rio de Janeiro, since the people lost, at the same time, their properties, their territoriality, their affectional bonds, memories and social and emotional relationships with their place of residence. She calls these losses non-monetizable values. The author considers that the loss of cultural and territorial identity caused by speculative real estate capital in the large urban areas of the countries of the southern hemisphere, in search of a modern city reference, provokes involuntary and compulsory displacements of people, a phenomenon that she understands as a displacement imposed by a “development war” with its victims being “urban refugees”.

Davide Gravato and Rosa Cabecinhas concentrate on the music and lyrics of Chullage, an incontrovertible name in Rap Tuga, or rather, rap made in Portugal. Author of several songs considered to be classics of national hip-hop, Chullage has released three albums and has countless presences in projects and songs by other artists such as Sam The Kid, Regula, Kacetado, Less du Neuf, among others. This analysis shows how Chullage has been active in denouncing racial inequality and the lack of recognition of African cultures, his albums being considered as clear interventions against systemic discrimination, expressing in

no uncertain manner an attempt to deconstruct colonial Portuguese narratives. In other words, the artist uses hip-hop as a tool to (re)signify Africa.

Viviane Ferreira de Almeida focusses on questions related to travel narratives in the form of travel blogs that, on the one hand, is seen as an extension of literature and, on the other hand, as a form of memory archive of mobility. She argues that as a literary genre with no “fixed residence” and intrinsically linked to the phenomenon of mobility, both thematically, discursively, and formally, it is not surprising that travel literature has recently shown a clear tendency to migrate to the digital environment. In this context, travel blogs can be qualified as new literaturized spaces, marked by experiences and memories that can be considered more receptive to contact and exchange, transcending barriers and potentially contributing to the observation of cultural processes with the “transcultural lens”. She poses the question of whether travel blogs, as artifacts, although associated with volatility, can be perceived as an archive of memories. Using analysis of the blog of the Portuguese travel writer Filipe Morato Gomes, *Alma de Viajante* (Traveller’s Soul), which in 2021 celebrated twenty years of existence, this question is addressed and, even if briefly, also the concepts of ephemerality and archive in the dynamics of cultural memory between remembering and forgetting.

The contribution of Anabela Valente Simões, as her title indicates, focusses on the fruitful “synergy between tourism and culture”. After a brief contextualization about the importance of the tourism sector to the global economy, which has steadily expanded over the last six decades to being the third-largest sector in international trade and an important driver for socio-economic progress, the author examines cultural tourism in particular, which is one of the largest and fastest-growing markets.

Because their interplay creates distinctiveness, she considers culture and tourism to have a mutually beneficial relationship, one that can strengthen the attractiveness and competitiveness of a region and, simultaneously, enhance culture itself by creating an income to support cultural heritage and cultural offer. She defends that by recovering history, local traditions and cultural memories, tourism contributes not only to the reinforcement of a region’s collective identity and the preservation of cultural and historical heritage, it also contributes to its tourism destination image, which is paramount in the process of touristic development. After her introductory remarks, the author analyses a concrete example of the synergy: the city of Aveiro. Dominated by its lagoon estuary and long associated with sea trade,

fishing, and salt production, Aveiro has drawn increasing attention in recent years. Parallel to this growth in touristic activity, new business opportunities have been explored: for example, *moliceiros*, the colourful vessels once used to collect seaweed, are now part of the thriving business boat tours along the city canals and the once extinguished salt works are now sites of guided tours and unique, authentic experiences. This chapter aims, thus, to reflect on how tourism and culture have contributed not only to the touristic (and, therefore, socio-economic) development of Aveiro, but also to the reinforcement of the city's collective identity.

In thematic and chronological terms, the aforementioned reflections and contributions concerning *transcultural mobilities and memories* have evidenced a vast range of topics and approaches, bringing us up to the current day. However, in the final part of the volume the reader is invited on a journey back to ancient times and civilizations – places and times rarely visited in (trans) cultural studies – which extend in chronological order from the XIII century to the XXI century BC.

In a multi-authored text, Chris McKinny, Marcella Barbosa, Aharon Tavger, Steven Ortiz and Itzhaq Shai show us some Cypriot and northern Levantine influences from the Canaanite town of Tel Burna (Israel). They explain that over the last decade extensive remains have been found from the late Bronze Age (14<sup>th</sup> and 13<sup>th</sup> centuries BC). The character of these remains is Canaanite material culture with clear foreign (mainly Cypriot) influence, particularly in the area associated with ritual activity. The contribution examines the Cypriot finds and reflects on what they might tell us about their influences on the inhabitants of the Canaanite town of Tel Burna.

The following contribution, also co-authored, this time by António de Freitas, Chris McKinny and Itzhaq Shai, is dedicated to the first group of artefacts found in Tel-Burna among which was a cylinder-seal with three lions in procession. The authors claim that after chemical and comparative analysis it was ascertained that it was a Mittanian cylinder-seal moved to the cultic centre of Tel-Burna, with a link to the cult of Astaroth.

Taking another leap back in time, this time to the XVII century BC, the text by António de Freitas is dedicated to the exegesis of the following affirmation: “I am your King, because I brought to you a god that so it says”, this being Anitta's Proclamation (CTH 1), written in Hittite or Nessite, which is the most ancient written text in an Indo-European language. It is explained that Anitta was King of

Kaneš, conqueror of Neša, the later Hatuša. After he conquered Neša, he brought back the statue of Šiu to Neša and invoked that fact to justify himself as Hatuša's ruler. The author considers that the Šiu idol represents an Indo-European god that was returned to its original place and the memory that the people of Neša had of that idol was used by Anitta to justify his royal lineage and to confirm him as King of Hatuša.

In the final contribution to this volume, Wang Xianhua examines an aspect of the Sumerian civilization from XXI century BC, namely the Sumerian royal hymn Šulgi A, as it is known to Sumerologists. According to the author, "That my name should be established for distant days", tells that King Šulgi (2094-2047 BCE) of the Third Dynasty of Ur (Ur III, 2112-2004 BCE) made a return trip between his capital Ur and Nippur, the traditional Sumerian religious center, in a single day. In the travel narrative it is reported that Šulgi ran from Nippur to Ur and then ran back from Ur to Nippur, which together makes a run of more than 320 kilometers by one calculation. Wang Xianhua writes that the interpretation of this fantastic run would presumably disclose the secrets of Sumerian hymnology at the core of which seems to be the perpetuation of royal memory. The author uses this masterpiece of Sumerian hymnology to glance at the Sumerian science of narrative fabrication that he believes seems to have a strong mathematical orientation as early as the Ur III Period. He concludes that the fantastic run of Šulgi, despite speculations such as those coming from comparisons to real athletes, is only mathematically possible and probably meant to be seen as just that. Furthermore, the author affirms that the geographical imagination evident in the hymn has in itself significance for the image of kingship that was part of the content of the text.

This volume starts with a contribution of a theoretical and methodological nature that traces a quasi state of the art of transcultural memory studies and leaves a challenge for more extensive future research in a world that must be seen as "more-than-humane", and was followed by various texts on cultural memory and its multifaceted relationships to mobility, from different exiles, voluntary journeys in the past and the present, in different media (literature, cinema, music, travel blogs), to the relationship of tourism with culture in its varied dimensions. The volume closes with a series of four contributions that deal with remote times and memories and, therefore, transport us to temporal spaces that challenge our scale of perception and memory orientation. It is hoped that this great diversity of themes and topics, without losing sight of the stated goal of deeply reflecting on and debating *Transcultural Mobilities and Memories*, may

contribute to expanding the fruitful and intrinsically inter and transdisciplinary research area of studies in culture and memory.

From its foundation, the research group Nucleus of Transcultural Studies (NETCult), part of the Centre for Humanities (CEHUM) of the University of Minho, has paid special attention to the multifaceted relationships between the transcultural phenomena of mobility and memory. This interest is reflected in concrete terms in the organization of a series of three international conferences. The first took place in 2010 and resulted in a trilingual publication *Mnemo-Grafias Interculturais / Intercultural Mnemo-Graphies / Interkulturelle Mnemo-Graphien* (eds. Matos & Grossegeesse 2012); another in 2015 originated in the bilingual volume *Amnésia Transcultural. Para uma Cartografia de Memórias Deslocalizadas / Transcultural Amnesia. Mapping Displaced Memories* (eds. Matos, Paisana, Esteves Pereira, 2016). With the intention of continuing these meetings and reflections and thereby making available a forum for debate for the increasing interest, both nationally and internationally, in studies on memory and also mobility and culture, a third congress in 2020 was planned which, due to the Covid-19 pandemic, only took place in virtual format in 2021. More than 40 communications and four plenary sessions were presented by speakers from various countries and continents, including, apart from Portugal and Brazil, Germany, Spain, Italy, Poland, Switzerland, Israel, Russia, South Africa, and China. Even though we could not count on all the oral contributions presented at the conference for this volume, it was at least possible to get together nineteen texts, in English and Portuguese, which debate diverse topics in the context of the initial proposal: “Transcultural Mobilities and Memories”.

In conclusion, we would like to thank all the participants who generously contributed to the present volume with their texts, as well as those who presented their oral communications thereby allowing an interesting debate during the conference, with special mention to the four plenary speakers: Astrid Erll and Luísa Soares, who gave us their written contributions, and also to Emily Keightley and Irene Flunser Pimentel. We wish to leave our very special thanks to the various colleagues from the research group NETCult who, in one way or another, actively supported us in the scientific and logistical organization of the conference, and whose names are not visible in the index, namely, and by alphabetical order: Georgina Abreu, Manuel Gama, Margarida Esteves Pereira, Maria Dolores Lerma Sanchis, Marie-Manuelle Silva, Jaime Costa, Jorge Pereira, Luís Pimenta Lopes, Nadejda Machado and Orlando Grossegeesse.

The conference and the publication of this volume was made possible due to the support of the Centre for Humanities (CEHUM) of the University of Minho with financial support from the Portuguese Foundation of Science and Technology (FCT).

Braga, September 2023

The organizers

Mário Matos & Joanne Paisana



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ISBN 978-989-755-831-3

